

David B. Florsheim  
(Org.)

PSICANÁLISE



# Vozes da psicanálise

Clínica, teoria e pluralismo

Volume 4  
1991 – Atualidade

Blucher



## 24. As patologias narcísico-identitárias

*Camila Saboia*

René Roussillon, ao revisitar a metapsicologia freudiana, propõe a construção de um novo paradigma, enfatizando a importância de nos debruçarmos sobre a compreensão de novas patologias contemporâneas, as quais não se enquadrariam no que se compreende como neurose nem como psicose, mas no que ele denomina patologias narcísico-identitárias. O autor ressalta que esses pacientes não trazem como problemática a equação dos impasses psíquicos vividos entre a lógica do *princípio da realidade* e a do *princípio do prazer*, mas, sobretudo, a própria construção do *sentimento de ser* e do processo de *diferenciação do eu/não eu*.

Roussillon ressalta que o trabalho psicanalítico com esses pacientes não se limitaria ao método clássico, marcado pela associação livre e pela interpretação, mas compreenderia um trabalho de tradução dos elementos psíquicos manifestados pela linguagem do corpo, do ato e do afeto. Nesse sentido, ele afirma a importância de ampliar o trabalho de escuta para além da linguagem verbal, ao considerar que a escuta *associativa* deve ser tomada como *polifônica*, e não apenas como *linguagem*.

O autor retoma Freud ao dizer que essas experiências precoces e arcaicas, que precederiam a linguagem verbal, quando não integradas ao psiquismo dada a “fraqueza de síntese”, manifestam-se por via da linguagem corporal. Ele então afirma que, da mesma maneira que a criança pré-verbal utiliza o afeto, o soma, o corpo, a motricidade, o registro mimo-gesto-postural para comunicar e dar a conhecer seus estados do ser, os sujeitos que sofrem das patologias narcísico-identitárias recorreriam ao mesmo mecanismo. Para esses pacientes, o corpo comunica pondo em cena o que o sujeito não pode dizer, como se a própria estrutura do ato e da cena pudesse aqui ser uma tentativa de uma narrativa endereçada a um outro.

Essa tentativa de endereçar-se ao outro por meio da linguagem pré-verbal se manifesta justamente porque houve uma falha nesse processo do encontro e do ajuste necessário com o outro, como diz Roussillon, uma falha no interjogo entre o sujeito e o objeto. A ausência de um encontro satisfatório faz com que as experiências subjetivas arcaicas, interligadas aos estados das sensações do corpo, quando não traduzidas pelo objeto, voltem sob o mecanismo de compulsão à repetição da experiência do desamparo arcaico, manifestada por via da linguagem do afeto e do soma.

Roussillon também ressalta que, para compreender o funcionamento psíquico desses pacientes, é necessário recorrer a novos referenciais no que concerne à relação *pulsão-objeto*. Propõe, assim, a noção de *pulsão mensageira*, que se caracteriza por se endereçar a um objeto, na tentativa de ter suas mensagens decodificadas e traduzidas por este objeto-outro. Nesse sentido, diríamos que o objeto não teria apenas a função de diminuir a sobrecarga da tensão na busca da satisfação pulsional, mas, sobretudo, de simbolizar os conteúdos *protossimbólicos* carregados pelas pulsões mensageiras. No entanto, Roussillon alerta que esse objeto-outro só exercerá sua função de objeto primordial se for capaz de aceitar jogar, de maneira

satisfatória, a função especular primária, que implica a necessidade de o objeto se ajustar à imagem de um “duplo” do bebê, duplo no sentido de um “semelhante”, mas não de um idêntico.

Roussillon teoriza, então, sobre a existência da “homossexualidade primária”, na qual a pulsão só atinge a experiência de satisfação se houver a experiência de um prazer compartilhado entre o sujeito e o outro, caso contrário, o que há é uma “descarga” da pulsão e não uma “satisfação”. Nesse sentido, Roussillon é categórico ao afirmar que, nas patologias narcísico-identitárias, o que está em jogo é justamente a ausência da “função reflexiva” dos estados psíquicos do bebê, função esta que permitirá que o sujeito, futuramente, gerencie sua própria regulação narcísica.

Ele afirma que o processo subjetivo se dá pela presença do objeto e não *por sua ausência*, o que leva a supor que o estado de narcisismo primário do bebê englobaria, desde os primórdios da vida, o registro de um encontro com o objeto. Os pacientes com funcionamento narcísico sofreriam exatamente desse registro da falta do encontro com o objeto, razão pela qual esse estado melancólico, presente nas patologias narcísico-identitárias, corresponderia não ao registro da perda do objeto, mas ao de nunca ter acessado um objeto-outro capaz de refletir seus estados psíquicos. Diante de tal ausência, Roussillon entende que, nos casos dos pacientes com sofrimento narcísico-identitário, o que se constata não é a “clivagem do eu”, mas a “clivagem no eu”, uma vez que haveria falhas no processo entre percepção e representação das experiências arcaicas subjetivas, o que viria a comprometer a capacidade do sujeito de simbolizar suas experiências arcaicas.

Desse modo, diríamos que, quando há falhas no processo de passagem das sensações para a representação do objeto, o sujeito apresentará dificuldades em vivenciar a experiência de separação,

uma vez que o processo de internalização do objeto mostrou-se falho ou insuficiente. Fato que explicaria a tendência do sujeito com sofrimento narcísico-identitário a buscar, incessantemente, o objeto perdido em sua totalidade, já que não se satisfaz apenas com a representatividade de certos traços do objeto, condição esta fundamental para o sujeito vivenciar a experiência de alteridade e separação. Essa falha no processo de internalização da “representação do objeto externo-outro” é que leva o paciente a tender a repetir essas experiências traumáticas, na busca de encontrar um outro suficientemente presente, capaz de lhe oferecer a continência necessária para ajudá-lo no processo dessa linguagem analógica: passagem do afeto e das sensações (simbolização primária) à representação-coisa e à linguagem verbal (simbolização secundária).

Em seu artigo “A intersubjetividade e a função mensageira da pulsão”, ao mencionar seu trabalho clínico com a paciente Echo, Roussillon (2011) relembra a importância de o analista oferecer ao paciente um *setting* analítico vivo, marcado pela presença de um terapeuta ativo, capaz de exercer a função de um objeto especular, cujo manejo clínico deverá ser permeado mais pelas traduções dos estados psíquicos do paciente do que propriamente pelas interpretações, como sugerem os modelos de associatividade da clínica psicanalítica clássica. Ele observa, por exemplo, que o movimento de pouco investimento pulsional nas relações sociais e afetivas da vida de Echo, acompanhado por um quadro clínico de anorexia, repetia-se na sua relação com o analista, na qual parecia “anorexizar” seu elo com ele, por meio de seu silêncio e retraimento quando se via face a face com o terapeuta, apesar de se demonstrar extremamente ligada ao trabalho analítico e motivada por este. Ao longo do trabalho com Echo, foi possível compreender que a paciente repetia, na sua relação transferencial e por meio do seu corpo, o

próprio modelo objetal, caracterizado pela presença de um objeto materno imprevisível e inacessível, incapaz de exercer sua função reflexiva, o que a levava a voltar-se para si mesma, aprisionando-se em seu sofrimento narcísico-identitário.

### *Referências e indicações de leitura*

- Roussillon, R. (1999). *Agonie, clivage et symbolization*. PUF.
- Roussillon, R. (2008/2011). A intersubjetividade e a função mensageira da pulsão. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(3), 159-166.
- Roussillon, R. (2012a). As condições da exploração psicanalítica das problemáticas narcísico-identitárias. *Alter – Revista de Estudos Psicanalíticos*, 30(1), 7-32.
- Roussillon, R. (2012b). O desamparo e as tentativas de solução para o traumatismo primário. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 19(2), 271-295.

## 34. As primeiras organizações pulsionais e o eu corporal

*Camila Saboia*

Geneviève Haag parte do conceito de eu corporal, apresentado pela metapsicologia freudiana, para enfatizar que as sensações constituem a matéria-prima do processo da constituição psíquica do bebê e dos primeiros traços do desenvolvimento corpóreo-psíquico. A autora situa-se no campo da psicanálise contemporânea, enfatizando a importância de considerar a relação objetal pelo viés do intersíquico e do interpessoal, e afirma que “não haveria vida pulsional sem Objeto e tampouco Objeto sem vida pulsional” (Haag, 2020, p. 384). Ressalta, ainda, que é a experiência intersíquica que, provavelmente, sustentaria e permitiria que os elementos intrapsíquicos se revelassem.

Haag, ao teorizar sobre o processo da construção do eu corporal, toma como alicerce central as experiências sensoriais vividas desde a vida intrauterina. Descreve, assim, que a experiência primária táctil de apoio do dorso do feto na parede da cavidade intrauterina do ventre da mãe é, concomitantemente, sentida e experienciada

como mentalização da presença de “objeto de apoio de fundo”,<sup>1</sup> experiência esta que determinaria a qualidade dos diálogos emocionais pré-natais e, com ela, os objetos *self* e a interiorização dos objetos *a posteriori*. Ela acrescenta que essa experiência de presença “de fundo de identificação primária”, combinada com a experiência rítmica do sonoro e da interpenetração do olhar, é o que permitirá à criança construir o sentimento de envelopamento ou continência.<sup>2</sup>

Essa vivência de envelopamento seria condição fundamental para que o espaço psíquico, isto é, a “cavidade intersubjetiva” possa ser construída e, com ela, a passagem do registro da vivência de um corpo bidimensional para o registro da tridimensionalidade. Nesse sentido, ressalta que a “experiência de sustentação dorsal” seria responsável pela construção da experiência de fundo que corresponderia, para Haag, ao que Bion denomina “esqueleto interno”. O movimento do bebê de se endereçar a um outro permite que se estabeleça um jogo pulsional caracterizado por um movimento de vaivém, responsável pelo estabelecimento de um circuito pulsional conceituado como “anéis relacionais”,<sup>3</sup> por meio do qual o bebê passaria a construir suas primeiras imagens esféricas da representação de seu eu corporal.

Para Haag, cada elemento dessa estrutura radial contém uma espécie de “retorno” de intersubjetividade primária, onde se situa o pequeno negativo do ponto de encontro, uma espécie de “ponto de rebote” que corresponderia ao diferencial da resposta do outro,

<sup>1</sup> Haag (2018) faz referência ao conceito de *l'objet d'arrière plan*, tomado de James Grotstein (*background of primary identification*).

<sup>2</sup> O termo original em francês é *le sentiment d'entourrance*. Vale dizer que essa palavra em francês foi utilizada por Haag como um jogo de palavras do próprio nome *entourage*, que poderia ser traduzido como entorno.

<sup>3</sup> Este importante conceito de Haag é denominado, no francês original, *boucles de retour*. A fim de abarcar a ideia original de Haag, a autora optou por traduzi-lo como “anéis relacionais” em vez de “anéis de retorno”.



isto é, a própria raiz de diferenciação “eu/outro”. Ela ainda ressalta que, para que possa sair do estado de identificação adesiva (considerado por ela como constitutivo do processo subjetivo do bebê) para um registro de um corpo tridimensional, seria necessário o bebê vivenciar a experiência de continência exercida pela presença de um objeto outro que tem o papel de um “duplo especular”. Este seria capaz de devolver respostas semelhantes, mas suficientemente diferentes, à medida que metaboliza e transforma (no senso bio-niano) as mensagens enviadas pelo bebê.

Por meio do encontro rítmico regido pelo jogo pulsional do vaivém dos elementos protossimbólicos, enviados pelo bebê e devolvidos por esse objeto duplo, o bebê vai podendo vivenciar as “relações intracorporais” na construção dos “objetos de lateralidade”. A lateralização dos objetos corresponderia à integração do lado direito do corpo do bebê (“lado mamãe”) com o seu lado esquerdo (“lado bebê”) numa espécie de “fantasma de soldagem” ao hemisfério materno, no qual se alternam momentos de adesividade com momentos de separação.

Haag descreve também que a experiência de identificação dos objetos de lateralidade, experimentada pelas mãos do bebê que se interpenetram (teatro das mãos) e acrescentada à experiência da apropriação dos membros inferiores (pés) – “identificações intracorporais” –, leva o bebê a vivenciar o entrecruzamento dos dois principais eixos do corpo, impedindo-o de experienciar um corpo clivado horizontalmente ou verticalmente, tão frequentemente observado nas crianças autistas. Haag afirma que a falta desse eixo central no corpo da criança a impede de organizar os diferentes fluxos sensoriais no que denominamos “polissensorialidade sincrônica”. A título de exemplo, podemos descrever o momento da amamentação, quando o bebê passa a reunir essas diferentes experiências sensoriais – a experiência tátil de apoio do dorso com a

junção boca/mamilo/interpenetração do olhar –, levando-o a construir as primeiras imagens esféricas do eu corporal.

A partir do caso Bruno, publicado em 1988 no seu célebre artigo “Le dos le regard, et ‘la peau’”, Haag descreve a importância da construção do eu corporal via as observações clínicas dessa criança. A autora relata que, aos 12 meses, essa criança apresentava um corpo extremamente enrijecido, ausência de experiência de articulação dos membros inferiores e superiores, evitamento do contato de apoio dorsal e pouca sustentação da interpenetração do olhar, acompanhados da ausência de qualquer investimento na junção mão-boca.

Aos 20 meses, Haag ressalta uma sessão na qual Bruno procurava colar/descolar objetos de superfícies planas como pratos de jogos de comidinha; em seguida, ele pega um cubo azul, busca o olhar da analista, passa-o desde a base do nariz até a linha mediana do crânio, desce-o até a base da nuca e deixa-o escorregar sobre suas costas. A seguir, ele o apanha fazendo movimentos laterais com os braços ao mesmo tempo que joga seus cabelos para a frente, como se estivesse falando de sua construção “do espaço de apoio de fundo” por via da integração dos dois lados do corpo, proveniente da experiência tátil da combinação do dorso com a interpenetração do olhar.

Dois anos depois, Bruno repete essa mesma demonstração ao alternar movimentos de trocas profundas de olhar com a busca de apoio dorsal. Por exemplo, quando ele busca troca de olhares, alternando com o movimento de sentar-se numa pequena poltrona redonda, localizada abaixo do quadro-negro, onde ele passa a desenhar diversos pontilhados que ilustrariam essa experiência de interpenetração do olhar. Em seguida, ele desenha círculos formando uma espécie de buquê composto por diversos anéis irradiantes, que Haag descreve como a própria representação do que ela passa a teorizar como anéis relacionais.

### *Referências e indicações de leitura*

- Haag, G. (1988). Le dos, le regard, et “la peau”. *Revue de Neuropsychiatrie de L’Enfance*, 36(1), 1-8.
- Haag, G. (2018). *Le Moi corporel: autisme et développement*. PUF.
- Haag, G. (2020). Sexualidade oral e o eu corporal. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 13(1), 103-129.
- Haag, G., & Golse, B. (2021). O lugar das clivagens sensoriais no desenvolvimento e nas patologias arcaicas. *Percurso*, 66, 9-32.